



RESENHA

O SIGNIFICADO DA ARTE E DA COLHEITA NAS MÃOS DE TUCA BERTINI

Ana Paula **BATISTA**¹

A obra da artista plástica Tuca Bertini em exposição sob o tema “*Olhares Folclóricos*”, na Galeria de Municipal de Marília, desperta o interesse não somente pelo conteúdo que apresenta, mas a forma como é elaborada, a liberdade no uso das cores e a criatividade.

Tuca é o apelido de infância de Jacira Bertini, a menina “travessa”, filha mais nova de uma família de 9 irmãos, que nasce em 1933 e cresce no ambiente rural à sombra dos cafezais; com os sonhos construídos sobre os campos verdejantes das plantações, ao som dos cantos matinais dos pássaros, nas inquietações das histórias fantasiosas das noites de luar, no meio da euforia das festas juninas, cercada por um ambiente fértil em todos os aspectos. Ela se casa aos 22 anos, expandindo seus conhecimentos sobre a vida, sendo companheira em uma relação produtiva de muitas colheitas e plantações que durou 54 anos com 4 filhos. Após o falecimento do esposo e aos 79 anos de idade, a artista decide pegar nos pincéis pela primeira vez, dando início a um surpreendente processo criativo que muda sua forma de atuação no mundo, lhe possibilitando criar, plantar e colher em novos campos. A arte lhe possibilita o renascimento, a liberdade. É neste momento que a Tuca ganha vida novamente e reassume um papel no mundo.

240

A arte de Tuca é classificada como arte Naïf ou arte ingênua, original e instintiva como aparece no vocabulário artístico. De acordo com Costa (2008), os pintores desta corrente formam um grupo de artistas independentes, com uma realidade particular e obras apresentando muitos elementos da tradição, conservação e manutenção das memórias populares:

A pintura naïf, com sua distância da lógica das convenções circundantes, sua aparente ingenuidade e conservação da aura de exótico ou popular, representa universos particulares de vida, lembranças de um tempo rural presentes na memória de vida dos artistas/autores. As imagens produzidas por esses pintores

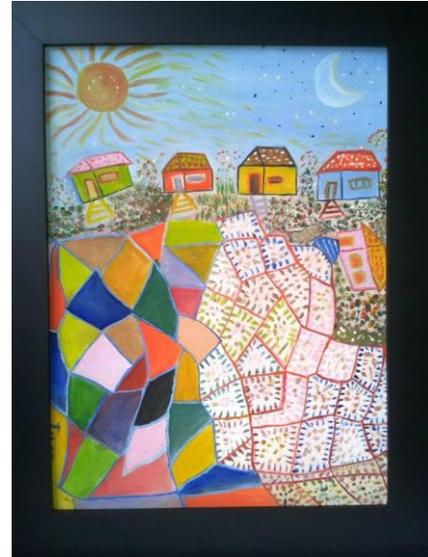
¹ Formada em Psicologia pela Universidade de Marília, é artista plástica. anapguanumbi@hotmail.com



expressam recordações ou o imaginário sistematizado por meio de imagens que descrevem suas trajetórias de vida. (COSTA, 2008, p. 110).

Outra característica definida por Costa (2008) como sendo um aspecto da pintura naïf é o apego às cores puras e fortes, ausência de perspectiva e de volume que aproximam essas composições visuais das técnicas aplicadas na pintura moderna.

Ao relatar sobre o processo de nascimento do Naïf, Brodskaya e Rau (2007) diz que como corrente artística o naïf vem à luz nos começos do século XX e com manifestações que apareceram de modo absoluto há dezenas de séculos nas pinturas rupestres e nas primeiras esculturas de animais, mas certamente o primeiro artista naïf foi um caçador do



período neolítico gravando sobre pedra plana os contornos de uma presa em fuga e utilizando somente uma linha fina para representar a silhueta elegante do animal em movimento, sem experiência artística dependendo somente de seu olho de caçador. Esta necessidade de

Roça – Tuca Bertini (2012)

expressão que é difícil de ser analisada quanto aos objetivos é descrita pela autora como uma prova independente da necessidade de expressão, nascida do contato do homem com a natureza.

Este autor primitivo é considerado por Brodskaya e Rau (2007) como o primeiro dos artistas naïf e sem dúvida o mais original, porque não existe mais nenhum sistema de representação pictórica similar. O método vai se aprimorando pouco a pouco e com a aparição dos diversos sistemas artísticos e muitas escolas de arte, aos poucos vai se revelando os artistas, pintores, escultores e desenhistas, inovadores e originais, mas a arte naïf continua a aparecer em algumas situações particulares. É na Europa, no começo do século XX que se conhecem os primeiros pintores classificados como Naïf.

Os conteúdos que Tuca projeta em suas telas, assim como sua forma lúdica de organizar os elementos, estão dentro do que Costa (2008) afirma como características do naïf. De acordo com o autor, a representação infantil é um tema constante na maioria das obras naïfs. A técnica e as imagens figurativas estão presentes como um forte elemento imaginário, remetendo a paisagens ensolaradas e bucólicas, retratando as



manifestações populares em que surgem animais de estimação, cenas campesinas, brincadeiras de roda, brinquedos populares, histórias e lendas.

Toda a criação artística diz muito sobre o sujeito que cria além do ambiente histórico no qual este está inserido, as informações subliminares, os silêncios permeados no texto visual, as escolhas composicionais e os vazios presentes nas representações visuais devem ser elementos de atenção afirma Costa (2008).

Quanto ao aspecto psicológico da arte, Jung (1991) descreve que o processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada.

A arte, dentro da análise de Jung (1991) possui um significado social, pois trabalha constantemente na educação do espírito da época, trazendo à tona aquelas formas das quais a época mais necessita. De acordo com o autor, a formação da imagem primordial, de certo forma, é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado.

Uma obra de arte é, portanto, em si mesma um *complexio oppositorum*, declara Barcellos (2004) em sua análise sobre Jung e a arte, pois

ela faz com que todas as polaridades opostas que entram em jogo coexistam num produto que as combina, ao mesmo tempo as transcende. Nessa perspectiva, as obras de arte se revelam como tentativas do artista em integrar a *visão* dada por sua personalidade.

Tuca tem o potencial de sair espontaneamente do real, indo para o

aspecto plástico e lúdico da imagem, como um brincar com as cores e o desenho, onde é possível a criação de uma infinidade de detalhes que lhe confere uma identidade particular, sem fugir das condições que a personalidade lhe propõe. A artista trás para suas telas, com perspicácia, uma variedade de representações do imaginário coletivo, pois transfere para o papel ou tela branca *flashes* do passado e memórias significativas



Festa no Dirceu - Tuca Bertini (2012)



que permitem compreender não somente os papéis que assumiu na vida como a forma simples do desenrolar da vida do homem do campo.

A obra “*A namorada do Saci*” ganha destaque, pois a artista organiza os elementos criando um “conflito” entre os animais do campo, sendo que em primeiro plano está disposto um gato, uma cobra e um rato. Uma observação mais acurada da tela permite visualizar um buraco que é o destino do rato nesta situação. O elemento central da tela é uma versão feminina do Saci, que é um personagem da narrativa popular brasileira.

Na obra “*Cesta de ovos*” os elementos rurais estão colocados na tela de forma que se pode ver galinhas que comem e descansam em um poleiro, uma menina e um cesto cheio de ovos que formam as imagens centrais do quadro. Na base da tela está desenhada uma casa e um menino que colhe cocos de um coqueiro. A artista faz uma mistura de uso de cores que conferem à obra uma característica particular.

A “*Roça*” por outro lado, chama a atenção pela disposição da roça que é similar a uma colcha de retalhos colorida, assim como extensa. Na porção alta da tela estão as casas de colônia com cores vibrantes coberta com um céu azul dividido em noite e dia.

Já a obra “*Festa no Dirceu*” não é diferente das demais telas quanto às cores, a igreja é a figura central que é realizada em duas tonalidades de azul, com portas amarelas e telhado vermelho. No lado esquerdo da igreja, um homem toca o sino e do lado direito uma mulher está atrás de uma mesa cheia de doces e comidas. Três crianças estão alinhadas na base do quadro, fantasiadas de anjos, em uma linha em direção à igreja. No alto da tela, pombas voam ao redor do teto da igreja e há fogos de artifício nas laterais. Esta obra faz referência às festas que aconteciam na praça da igreja no pequeno distrito de Dirceu, na região rural de Marília.

A obra “*Festa Junina*” possui uma estrutura diferente das anteriores no formato, embora mantenha o tema. Pintado em uma tela redonda, os elementos estão organizados de forma circular e as cores utilizadas estão em aquarela, embora a artista mantenha as mesmas características em relação à diversidade e intensidade de cores daquelas em que usa a técnica do óleo sobre tela. A imagem central da tela é uma menina ou mulher com vestido longo e rodado, que segura a mão de um menino ou homem. A tela é rodeada de bandeirinhas coloridas que formam uma espécie de moldura circular. Na base da tela há uma linha de crianças que seguram as mãos como



em uma cantiga de rodas. A fogueira grande e ostensiva é colocada no lado das figuras centrais sem poupar nas cores vivas.

A outra obra da artista presente na exposição intitulada “*Chuva de verão*” também foi realizada em aquarela, e possui detalhes que chamam a atenção, começando por uma moldura desenhada na tela de onde se desenvolve uma palmeira, que faz sombra sobre uma casa. No centro da tela está relatada uma típica paisagem rural com casa, palmeiras, árvores, algumas montanhas ao fundo, um céu colorido em laranja e nuvens de derrubam gotas de chuvas sobre a paisagem.

A facilidade com que ela cria novas combinações de cores e objetos, reestrutura os elementos na tela e lhes atribui novos papéis como com a versão feminina do Saci, fazem parte da variedade de aspectos que merece atenção em sua obra. Nesta tela é visível o retrato da narrativa rural, o conto, as lendas associada com a relação existente entre homem e as leis naturais.

Em seu trabalho, Tuca insere as linhas paralelas de forma livre, que aparecem no solo, no céu como associada ao ponto característica ímpar. de Van Gogh que mesmo que ela não permite a conexão fugir de seu aspecto de cores.

Quando aos roça está com seus principais dos alimentos, a diversidade das de ovos, na grande quantidade de comida para os animais, nas palmeiras que se inclinam devido o peso dos cocos e nas chuvas que molha a roça e permite que o ciclo de produção continue.



Cesta de ovos - Tuca Bertini
(2012)

O aspecto produtivo da roça, a proteção na relação natural dos indivíduos, as casas de colônia com cores vibrantes assim como a não dicotomia presente em seu céu com o dia e a noite que dividem o mesmo espaço, além da chuva e a estiagem,



representam o controle do tempo que o trabalhador do campo possui, o conhecimento, assim como o vínculo que mantém com a terra e com a natureza.

Com Tuca, o campo ganha vida, fartura e cores que são estruturadas como em uma colcha de retalhos, a festa junina ganha cantiga de rodas, as terras ganham a chuva e colheitas. É desta forma que a artista está presente de forma viva em suas criações, não somente na maneira como folga com os elementos, mas também no olhar de cada indivíduo que cria, nos vestidos enfeitados das meninas, nos rostos das crianças felizes que unem as mãos em uma roda, na forma como descreve os cabelos, na postura de cada sujeito.

Neste sentido a arte é um facilitador que permite a projeção não somente das memórias da artista, mas de si, dando a si mesma uma nova significação consequente das projeções que realiza. Sua obra não nos permite somente compreender seu contexto histórico, o ambiente com o qual dialoga, mas é possível vê-la, pois Tuca conversa consigo utilizando uma linguagem de formas e pontos, recriando a própria existência, com autonomia harmônica.

Tuca transfere os aspectos felizes da vida no campo, como uma relação de intimidade com a natureza, em um tempo de memória que seleciona uma espécie de idílio com o trabalho rural. A privação e o sofrimento não é revelado por sua pintura, Tuca relata o trabalho e não os trabalhadores ou a ação de trabalhar. É visível a satisfação com o trabalho realizado, pois não falta trabalho, mesmo que indiretamente. Em cada uma das telas expostas é possível ver este aspecto da atividade humana que atua dentro do ambiente em que vive. Há a mulher que vende doces na festa da igreja (*Festa no Dirceu*), a roça está plantada e produzindo (*A roça*), há um poleiro indicando um tratamento e cuidado com as galinhas (*Cesta de ovos*), e a fogueira e as bandeirinhas que foram moldadas pelas mãos humanas e com um objetivo ou significado (Festa Junina). Mas, neste percurso da memória, o tempo é de festa, de colheita dos frutos do trabalho árduo. O aspecto das casas pobres, pouco mais do que ranchos, dão a dimensão de que a vida transcorre num ambiente de necessidades básicas. A relação com o tempo do trabalho é outra, o resultado é de satisfação – tanto das necessidades vitais, quanto do dispêndio das forças vitais em uma atividade que se torna fruto e que retorna para a família ou para a vida coletiva (como os doces da festa junina ou da festa religiosa).



Existe o tempo de memória seletivo, que dribla todo tempo do trabalho duro, como é típico do trabalho de memória. Mas, há também a decepção com o tempo do moderno, do repetitivo e do não domínio do tempo da natureza, que lhe pertencia.

É desta forma que a exposição *Olhares Folclóricos* nos possibilita não somente a identificação de nossa história e da narrativa que nos foram contadas por nossos pais e avós sobre este universo do



homem do campo, de sua sabedoria e de sua relação com a natureza, mas também nos apresenta uma infinidade de imagens simbólicas, que fazem parte deste conteúdo coletivo contido não somente do universo do artista, mas de todos nós.

A exposição nos fornece um material que permite indagar sobre os

Festa Junina - Tuca Bertini (2012)

246

aspectos históricos e sócio-psicológicos da criação artística e é neste ponto que se delibera sobre o quanto a arte Naïf é complexa, com artistas sensíveis e espontâneos, livre das influências cultas. Tuca é um exemplo de artista que se desprende dos limites racionais da arte transferindo para esta uma visão holística da vida rural, o que não é realizado na arte culta, pois esta não consegue fugir da ordem na forma e no conteúdo, resultando em caminhos com verde de um lado, céu do outro, luz e sombra. É o rural romântico, organizado e racionalizado. Tuca toma o rural em sua circularidade, com um olhar que poderíamos definir “de dentro”. A razão manda seccionar, definir um campo e se contentar com ele. A perspectiva Naïf quer falar de um evento em que a duração no tempo pode ser o aqui e agora, mas pode ser um período de tempo. Como o que cabe no quadro *Cesta de Ovos*, *A roça* e, na versão genial de *Noite Estrelada* de Van Gogh, onde o brilho e o tempo passam pelo quadro. O ponto de vista é o mais próximo possível, de modo que a sua perspectiva também é um pouco aquela do redemoinho. Isto é, o que o olho vê não cabe na tela, a menos que se rompa a perspectiva para falar de mais coisa interessante naquele momento e lugar.



De qualquer maneira, a arte culta racionaliza o trabalho duro e o separa da vida do próprio trabalhador. Daí os campos idílicos, o jogo de luz e sombra limpos, a limpeza dos caminhos, as casas ordenadas de quem viu, mas não viveu.

Tuca continua sua jornada de plantações e colheitas que já conta com uma obra considerável. A menina que caminha entre os montes e no encantamento da narrativa do campo, segue sua empreitada de transpor a roça, as primaveras, os cafezais em flor, as palmeiras, os animais, riachos transformados em cores e liberdade de perspectivas, nos presenteando com arte e reflexão. É neste ambiente que a Tuca pode não somente criar, mas mesclar suas atuações criando condições em que a arte imita a vida.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Gustavo. *Jung, Junguianos e arte: uma breve apreciação*. Rev. Pró-Posições, V. 15, n. I (43) – Jan./Abr., 2004. Disponível em: <<http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/43-dossie-barcellosg.pdf>>. Acesso dia 20 de Agosto de 2013.

247

BRODSKAYA, Natalia; RAU, Viorel. *Naive Art: art of the century*. 1º edition. Parkstone Press Ltd, 2007.

COSTA, Robson Xavier da. *Pintura Naïf: Diálogos entre imagem e oralidade*. SÆCULUM – Revista de História; João Pessoa, jul./ dez. 2008. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/viewFile/11410/6524>>. Acesso dia 19 de Agosto de 2013.

JUNG, C.G. - *O Espírito na Arte e na Ciência*. Obras completas, vol. XV. Editora Vozes, Petrópolis, 1991.

**Texto escrito a convite do periódico
Aprovado em abril de 2013**